

Apresentação

Entrecruzamento Gênero e Religião: um Desafio para os Estudos Feministas

Sandra Duarte de Souza*

O entrecruzamento de gênero e religião ainda é timidamente abordado no campo dos estudos feministas, apesar de um significativo aumento da produção científica a esse respeito nos últimos anos. É inegável o fato de que, nas últimas décadas, temos testemunhado o aumento crescente das investigações de gênero em todo o mundo, particularmente no Brasil, porém, no que se refere ao binômio gênero e religião, ainda há muito a fazer.

A religião, ainda hoje, exerce uma importante função de produção e reprodução de sistemas simbólicos que têm influência direta sobre as relações sociais de sexo. As representações sociais acerca do homem e da mulher, portanto, não podem ser entendidas sem lançarmos o olhar sobre a religião e suas implicações sobre a construção social desse homem e dessa mulher.

É verdade que, numa sociedade em que existem mecanismos plurais de construção da subjetividade humana, presenciemos uma relativização do poder significativa da religião. Porém, se o processo de secularização tem contribuído para a “periferização” da religião em relação ao “núcleo forte” da sociedade, isto é, se a religião já não ocupa mais o lugar de *matriz cultural totalizante*¹, deixando de ser o centro organizador das relações sociais, ela ainda exerce influência significativa no cotidiano das pessoas. Se, por um lado, experimentamos a crise das instituições tradicionais produtoras de sentido, por outro verificamos o esforço de “recuperação das tradições perdidas” por parte de indivíduos, grupos e instituições religiosas. Não se trata, portanto, de um processo linear que, paulatina e progressivamente excluirá a religião do campo das instituições produtoras de sentido. Se essa influência não fosse significativa, por que toda a movimentação feminista em favor da laicização do Estado? O que dizer das recorrentes decisões cotidianas tomadas sob a pressão da confissão religiosa, como, por exemplo, manter um casamento cuja história mais freqüente é a da violência doméstica? É possível simplesmente fechar os olhos à ingerência religiosa sobre a sexualidade humana?

* É doutora em Ciências da Religião, professora da Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo - UMESP e uma das coordenadoras do Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina - NETMAL.

1. PIERUCCI, A. F. Reencantamento e Dessecularização. In: *Novos Estudos*. CEBRAP, n. 49, nov. 1997, p. 103.

As pesquisas baseadas no eixo gênero e religião se justificam pelo simples fato de que existe aí uma intimidade pouco verbalizada, mas vivenciada no *habitus social*², que é estruturado e que estrutura a vida em sociedade. O esforço de Mandrágora tem sido o de revelar essa intimidade, revelando também a cumplicidade da religião sobre o processo de socialização de homens e mulheres, processo no qual estas últimas ainda ocupam um lugar social secundário.

Há muito tempo cultivamos o sonho de oferecer às nossas leitoras e leitores o sabor de uma Mandrágora sobre *História, Gênero e Religião*, bem como de uma Mandrágora sobre *Violência, Gênero e Religião*. Este número que entregamos a vocês acumula esses dois sonhos.

A primeira parte de Mandrágora trata da temática *História, Gênero e Religião* e reúne artigos de mulheres e homens que têm desenvolvido pesquisas acerca da participação social de mulheres em diferentes períodos da história. Em sua maioria, são artigos sobre a história de mulheres que tiveram algum destaque em seu tempo. Esse é o caso dos textos de Carmiña Navia Velasco, Clemildo Anacleto da Silva e Douglas Nassif Cardoso. Velasco escreve sobre três mulheres – Hildegarda de Bigen, Catalina de Siena e Teresa d'Ávila – denominadas “místicas” pela Igreja, desenvolvendo uma crítica acerca da categoria “misticismo” que ocultou diferenças fundamentais entre essas mulheres, ocultando, especialmente, sua importância social. O artigo de Silva trata da história de uma filósofa cínica – Hiparquia –, e de como essa mulher negou o lugar “comum” das mulheres de sua época, questionando, inclusive, a idéia de inferioridade natural da mulher, tão propagada pela filosofia clássica. Cardoso, ao escrever sobre Sarah Poulton Kalley, demonstra que, sob as abreviaturas históricas, normalmente, é a participação das mulheres a mais constantemente ocultada. Os artigos de Luiza Tomita, de Graciela Chamorro e de María Pilar Aquino propõem uma abordagem distinta. Tomita, ao discutir o processo de Inquisição e da caça às bruxas, perpetrado pela Igreja entre os séculos XV e XVIII, afirma que a tortura e morte de milhares de mulheres nesse período foi extremamente funcional para o êxito do projeto moderno de sociedade. Chamorro, por sua vez, trata do processo de construção do “ser homem” e do “ser mulher” durante o período da “conquista espiritual” (século XVII), no sul do Brasil. Ela argumenta que a representação do homem e da mulher na língua indígena é bastante distinta daquela “traduzida” pelos europeus e presente nos dicionários do séc. XV ao séc. XVIII. Pilar Aquino aborda a relação entre a teologia feminista e as proposições de Medellín, sugerindo que este nos desafia a transformar estruturalmente a sociedade.

A segunda parte de Mandrágora trata da temática *Violência, Gênero e Religião*. Esse foi o tema de nosso IX Seminário, e os artigos aqui reunidos refletem, em muito, aquilo que discutimos em três dias de encontro. Os artigos, em sua grande maioria, estão perpassados pela noção de violência simbólica, tendo na religião uma de suas principais aliadas. O texto de Elizabete Bicalho aborda o problema da relação entre violência e religião *a partir da representação da violência doméstica/conjugal entre mulheres pentecostais e carismáticas católicas*. A religião, com suas heranças misóginas, seria um veículo eficaz para a naturalização e legitimação da violência de gênero. Eurides Oliveira discute a violência de gênero, tomando como referência dois sacramentos católicos: o sacramento do

2. BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999, pp. 7-8.

matrimônio e o sacramento da penitência, demonstrando como eles contribuem para a sacralização da violência. Fernanda Lemos segue caminho semelhante, analisando fragmentos do discurso de um bispo metodista, revelando que a culpabilização da mulher não é realidade apenas no catolicismo e no pentecostalismo. Carolina Lemos escreve sobre a importância da religião no *processo de formação de identidades de gênero*, descortinando o problema da associação do homem com o bem, com o *sagrado positivo* e da mulher com o mal, com o *sagrado negativo*, presente no imaginário religioso cristão. Tais associações transformar-se-iam em pretexto para o exercício da violência do homem sobre a mulher. Por fim, numa perspectiva teológica, Rita Nakashima Brock e Rebecca Parker revelam *como a teologia clássica serviu para legitimar a violência perpetrada por homens contra mulheres e crianças, dentro da família patriarcal*.

Além dos artigos, Mandrágora traz resenhas de textos nacionais e internacionais, diretamente relacionados com a temática da revista. Também fomos brindadas com uma entrevista da polêmica Rose Marie Muraro que, a partir de sua trajetória pessoal, faz um *recorrido* histórico do movimento feminista no Brasil.

Por fim, lhes oferecemos o doce sabor das poesias, que traduzem em palavras-abraços um pouco das mulheres que contribuíram com este volume.